

## INTRODUÇÃO

A década de 1990 assistiu à propagação de um vírus global: a democracia. O desmembramento da União Soviética libertou o «bichinho da liberdade» e, no espaço de uma década, o número de países democráticos em todo o mundo aumentou de 69 para 118. Milhões de pessoas, que durante décadas tinham sido inoculadas contra a democracia, celebraram enquanto as defesas desses países falhavam e ruíam. Todos aqueles que nunca tinham vivido a democracia de estilo ocidental foram, finalmente, infectados. Quando o Muro de Berlim foi derrubado, jovens da Europa de Leste apressavam-se a atravessar a Cortina de Ferro, a fronteira imaginária entre o mundo livre e o totalitarismo. As pessoas juntavam-se e soltavam vivas, fascinadas, à medida que infindáveis caravanas de *Trabants*, *Ladas* e outros automóveis de fabrico socialista se deslocavam para o Ocidente. Do antigo Bloco Soviético, o bichinho da liberdade propagou-se a todo o globo, ao Sudoeste Asiático, à América Latina e até mesmo à China,<sup>1</sup> deixando a sua marca indelével por toda a parte.

À medida que a democracia se propagava, o mesmo acontecia com a escravatura. No fim da década, estimava-se que 27 milhões de pessoas tivessem sido escravizadas em inúmeros países, incluindo em alguns da Europa ocidental. Já em 1990, escravas sexuais eslavas do antigo Bloco Soviético começaram a inundar os mercados ocidentais. Estas mulheres eram bonitas, baratas e, mais importante que isso, estavam desesperadas. No entanto, o novo tráfico sexual era apenas a ponta do icebergue. A globalização permitiu a exploração do trabalho escravo a um nível industrial, atingindo uma intensidade nunca antes vista, nem mesmo durante o comércio transatlântico de escravos. Das plantações de cacau da África oriental aos pomares da Califórnia, da florescente indústria da pesca ilegal até às fábricas de produção de

produtos falsificados, conforme pude constatar uma e outra vez durante a minha investigação, os escravos tornaram-se uma parte integrante do capitalismo global.

Surpreendentemente, nos tempos modernos, a democracia e a escravatura coexistem naquilo que os economistas consideram uma correlação directa. Por outras palavras, os dois fenómenos mostram tendências idênticas e um condiciona o outro. A década de 1990 confirmou uma tendência surrealista que já se tinha manifestado na década de 1950, durante o processo de descolonização. À medida que as antigas colónias conquistavam a independência das potências estrangeiras e alcançavam a liberdade, o número de escravos disparava e o seu custo descia a pique. Actualmente, o preço médio de um escravo é inferior a um décimo do seu valor durante o Império Romano, uma época da história em que a democracia pode muito bem ter atingido o seu nível mais baixo. Para os romanos, os escravos representavam mercadorias escassas e valiosas que implicavam preços elevados; hoje em dia, existem em grande número e são uma mercadoria descartável, sendo apenas mais um dos «custos de fazer negócios internacionais».

Nas nossas mentes, a democracia e a escravidão raramente estão ligadas porque continuamos a acreditar no pressuposto errado de que o advento da primeira é, de algum modo, uma garantia contra o resurgimento da última. O exemplo frequentemente citado da Guerra Civil americana é utilizado para acrescentar uma nova capa a esta delicada aparência. Mas, como qualquer estudante de História americana poderá confirmar, a violência dos brancos contra os negros rebentou no Sul dos Estados Unidos imediatamente depois de a guerra terminar, com o surgimento de grupos como o Ku Klux Klan, e o período que se lhe seguiu constituiu uma das piores fases para os negros na América. Hoje é comum acreditar-se que a escravatura é o produto da exploração de países pobres por parte de potências estrangeiras; na realidade, a verdade é exactamente o oposto: a maior parte das vítimas é escravizada e traficada pelos seus próprios compatriotas.

A correlação entre a democracia e a escravidão é uma das consequências da economia marginal, um fenómeno recorrente na História, frequentemente ligado a grandes transformações rápidas e inesperadas. Em épocas de mudanças profundas os políticos podem perder o controlo da economia, que se torna uma força marginal nas mãos de novos empresários. Referimo-nos ao Oeste Americano como Oeste Selvagem por causa da anarquia e violência que marcaram a sua con-

quista; no entanto, grandes fortunas económicas cresceram à sua sombra. A Corrida ao Ouro na Califórnia levou ao caos, à violência e ao roubo em larga escala, enriquecendo frequentemente os donos de casinos e os jogadores. A economia marginal marcou a maior parte das grandes transições históricas; a sua proliferação contaminou economias antigas, destruiu velhos impérios e construiu outros novos. Embora a descoberta da América tenha enriquecido a Europa muito para além do imaginável, as pilhagens foram feitas por conquistadores impiedosos. Actualmente, a economia marginal ressurgiu porque o mundo está a passar por uma transformação igualmente profunda, talvez a maior de toda a História.

Quando, há mais de dois anos, comecei a fazer investigação para este livro, queria mostrar de que forma é que a transição do comunismo para a globalização tinha desencadeado forças económicas obscuras. Estava convencida de que se tratava de um fenómeno único, ligado a circunstâncias excepcionais. À medida que a minha investigação avançava e eu continuava a recolher dados, a fazer entrevistas e a analisar a informação, descobri que a economia marginal não é única, mas sim parte do *yin* e do *yang* da História. É uma força real, constantemente à espreita nos bastidores do progresso. Até à data, de todas as vezes que ressurgiu, a política conseguiu domá-la chegando a compromissos estratégicos com elites novas e poderosas. Não há quaisquer motivos para acreditar que desta vez o resultado será diferente.

A corrupção existe em qualquer sociedade, quer comunista quer capitalista, mas a economia marginal levou a que se disseminasse à escala global. Contrariamente ao tipo de corrupção que está presente em todas as sociedades, uma corrupção que coexiste com conjuntos de valores que exercem um contrapeso em relação à mesma, a economia marginal impõe um estilo de vida desonesto que prejudica toda a gente, vencedores e perdedores, ricos e pobres. Independentemente do sítio onde vivemos, no mundo desenvolvido ou em desenvolvimento, a economia marginal molda as nossas vidas pessoais: dita não só a forma como vivemos, mas também a forma como morremos.

Nos Estados Unidos há um novo assassino à solta: a obesidade. Aproximadamente 400 000 mortes por ano, o equivalente a 16 por cento de todas as mortes nos EUA, estão ligadas à obesidade. Ironicamente, esta epidemia que remonta ao fim da década de 1970 atingiu o seu nível máximo em finais da década de 1980, quando a América se tornou consciente em relação ao peso. Na verdade, foi quando as pessoas decidiram tornar-se magras que acabaram por se tornar gordas.

A batalha contra a barriga trouxe o advento das dietas pobres em matérias gordas. A gordura foi retirada dos produtos alimentares e substituída por hidratos de carbono, que têm um elevado teor de calorías e também produzem gordura. Os agricultores sempre souberam que os cereais engordam os animais. Este mesmo princípio aplica-se aos humanos. A maior parte dos alimentos pobres em matérias gordas vendidos nos supermercados estão saturados com hidratos de carbono, ao ponto de, frequentemente, a ingestão calórica da versão pobre em matérias gordas ser idêntica à do produto original. Da próxima vez que for às compras, experimente comparar o número de calorías das versões pobre em matérias gordas e normal do mesmo produto — ficará espantado com a ínfima diferença existente entre os números, se é que existe alguma.

Dos Estados Unidos, a nova doença propagou-se a todo o mundo ocidental e para além deste. A obesidade está a aumentar mais rapidamente na Ásia que na América do Norte e na Europa, e está a subir até mesmo em África, entre as pessoas abastadas que adquiriram o gosto por alimentos e dietas ocidentais pobres em matérias gordas. Os consumidores não têm consciência de que os produtos que são promovidos como sendo de «emagrecimento» não os ajudam e, em certos casos, podem até matá-los. As pessoas compram-nos na ilusão de que são o elixir da eterna juventude.

A promoção de produtos pobres em matérias gordas é, na maior parte das vezes, uma pura mentira da autoria de empresas alimentares, retalhistas e mesmo agências governamentais. É também um negócio de muitos milhares de milhões de dólares. Quase todos os produtos que consumimos têm uma história negra oculta, desde o trabalho escravo até à pirataria, das contrafacções à fraude, do roubo ao branqueamento de capitais. O mercado global constitui o mais perigoso terreno de reprodução da economia marginal. Os produtos marginais infiltram-se nas economias tradicionais e corrompem-nas. Quando compramos uma aliança de casamento produzida com ouro extraído por crianças congolezas que trabalham para senhores da guerra implacáveis, que é contrabandeado para o Uganda e vendido com documentos de origem falsificados por sociedades comerciais corruptas, estabelecemos uma ligação comercial com o submundo sinistro da economia ilegal e criminosa de África. No entanto, nós, os consumidores, sabemos muito pouco sobre estas interdependências e menos ainda sobre os obscuros segredos económicos dos produtos que consumimos, porque estamos aprisionados no interior da matriz do mercado, uma densa teia de ilusões comerciais.

Tal como no filme de culto, *Matrix*, nós, os consumidores, vivemos num mundo de fantasia. Acreditamos que a vida nunca foi melhor. E porque não? Podemos comprar aquilo com que os nossos pais e avós nem sequer podiam sonhar. A esperança de vida aumentou graças à medicina moderna; a pobreza foi marginalizada; e o consumo é o passatempo global. Ir às compras é a terapia para quando estamos deprimidos ou aborrecidos. Estas são as mensagens que recebemos diariamente. Mas se tentarmos ver para além das aparências das nossas vidas do dia-a-dia e tentarmos confirmar estas crenças, informando-nos sobre as origens da maior parte dos produtos que consumimos, a imagem que surge é semelhante à do mundo real do filme *Matrix*: um planeta em profunda desordem comercial.

Este não é um livro sobre as origens desconhecidas dos produtos que consumimos ou sobre as mentiras de *marketing* que nos são contadas pelos publicitários da eterna juventude. Também não é um manual antiglobalização nem o manifesto de uma revolta dos consumidores. Foi antes concebido para dar aos consumidores conhecimentos sobre o mundo em que vivemos. Através de vários exemplos, tentarei mostrar que a economia marginal não é a excepção, que é endémica, que é uma força obscura codificada no nosso ADN social, constantemente emboscada nos bastidores das sociedades em que vivemos.

Retirar uma ou duas camadas da superfície da vida moderna não é suficiente para desvendar a verdadeira natureza de um fenómeno que, embora sempre tenha feito parte da história humana, nunca antes foi reconhecido. Para perceber a natureza da economia marginal, temos de começar na sua origem: a eterna batalha entre a política e a economia, uma guerra cruel travada ao longo de toda a História.

Este é um livro sobre a remodelação do mundo moderno às mãos de forças económicas especulativas, sobre a teia de ilusões económicas e políticas que aprisiona os consumidores num mundo de fantasia criado por intervenientes marginais emergentes. Por último, este é um livro sobre a mais recente batalha de uma guerra eterna, que serve para nos lembrar que hoje, tal como no passado, a humanidade paga sempre um preço elevado pelas suas conquistas.

## CAPÍTULO UM

### NA CAMA COM O INIMIGO

«Assistimos, agradecidos, à queda do Muro de Berlim, mas infelizmente o muro caiu sobre as cabeças das mulheres.»

*Comentário de um membro da Duma Estatal da Rússia*

A economia é a imprevisível ciência da interdependência. E o mercado é o seu motor oculto. Desde a Idade da Pedra que o surgimento de novos canais de comércio deu origem ao progresso económico. As descobertas e inovações humanas adquirem um novo significado quando são partilhadas com outros, e isso apenas acontece quando existe um intercâmbio das mesmas.

Os principais beneficiários destas transacções comerciais não são aqueles que criam ou consomem novos produtos, mas aqueles que os comercializam. Através dos tempos, os comerciantes acumularam fortunas imensas e os políticos têm estado plenamente conscientes do seu poder. Ambos forjaram alianças para regulamentar, conter e manipular o mercado para sua vantagem pessoal e para benefício de nações inteiras.

Todas as grandes civilizações assentavam em estruturas comerciais sólidas que os políticos defendiam com poderosos exércitos; Roma esmagou Cartago quando Haníbal bloqueou o seu comércio florescente com as regiões do Norte da península italiana. Travaram-se guerras infundáveis para obter o controlo de mercados importantes. Veneza, por exemplo, financiou a quarta Cruzada para saquear Constantinopla e limpar a rota da seda da presença de mercadores árabes, assegurando assim o monopólio da mesma. Nos tempos modernos, o Plano Marshall constitui um dos melhores exemplos de como a política escraviza a economia para redefinir as regras do mercado.<sup>1</sup>

## Economia *versus* Política

O Plano Marshall, o programa de ajuda dos Estados Unidos para reconstruir a Europa ocidental a partir das ruínas da Segunda Guerra Mundial, lançou as bases para a supremacia económica da América. Ao contrário da Europa e do Japão, a economia e a indústria dos Estados Unidos permaneceram incólumes durante a guerra e, depois desta, estavam a precisar de novos mercados. Embora os Estados Unidos fossem o doador e não o beneficiário, podia facilmente argumentar-se que a América era o principal beneficiário do Plano, e não a Europa. A reconstrução criou novos canais para as empresas americanas e moldou um mercado inovador de acordo com as necessidades específicas da economia americana. No rescaldo da guerra, frotas de navios de carga atravessaram o Atlântico para trazer matérias-primas e bens para a Europa devastada pela guerra. Caravanas de petroleiros formaram uma ponte sobre o oceano, transportando a preciosa energia necessária para limpar os destroços e reconstruir as cidades bombardeadas.

Quando, finalmente, os países da Europa ocidental se voltaram a levantar, o consumismo americano estava pronto para moldar os hábitos de compra dos europeus. Apareceram nas lojas bens de equipamento que iam desde televisores a aspiradores. As famílias da Europa ocidental foram bombardeadas com imagens de donas de casa americanas, louras e sorridentes, quais sócias de Doris Day, entretidas com os seus brinquedos «domésticos». Todos queriam um automóvel, um televisor e uma máquina de lavar roupa. A América até exportou formas originais e imaginativas de comprar esse tipo de produtos: os pagamentos a prestações. A contracção de empréstimos pessoais disparou imediatamente.

Os Estados Unidos queriam construir um mercado sólido para a sua própria economia de exportação e, para o fazerem, entendiam que precisavam de vender um modo de vida. Os bens de consumo e equipamento fabricados na América tinham de fazer parte de um estilo de vida desejável. Constituía acessórios essenciais para aquilo que era conhecido como o Sonho Americano: produtos habilmente publicitados por filmes de Hollywood, destinados a fazer com que as pessoas se sentissem bem. Na imaginação colectiva dos europeus ocidentais, que acorriam em massa aos cinemas para escapar às dolorosas recordações da guerra, a América transformou-se na terra do leite e do mel, um continente povoado por estrelas de cinema, onde os sonhos se tornavam realidade. Mas os Estados Unidos eram mais que um sonho, estavam à distância de uma mera viagem de navio ou avião através

do Atlântico. Este mundo idílico não só existia como também podia ser comprado. A reconstrução da Europa ocidental através do Plano Marshall proporcionou aos consumidores europeus ocidentais os meios financeiros para comprarem a sua quota-parte do sonho. Ao impulsionar a economia do pós-guerra, o Plano colocou dinheiro nos bolsos dos consumidores para que estes pudessem comprar os seus acessórios: produtos fabricados nos Estados Unidos.

Hoje sabemos que o Sonho Americano não passou de uma astuta manobra de *marketing*. Na década de 1950, enquanto os Estados Unidos estavam sob o controlo do McCarthismo, esse tipo de publicidade disfarçava a realidade de uma sociedade reprimida, atormentada por preconceitos e tensões raciais. Contudo, os artigos comerciais mais apelativos são frequentemente construídos em torno de ilusões. Alguns provocam crescimento económico, como foi o caso do Sonho Americano, e outros, como veremos com a queda do Muro de Berlim, podem ser gravemente prejudiciais para a sociedade.

O Plano Marshall ajudou a disseminar uma nova ordem política que floresceu durante a Guerra Fria, um sistema que isolou o Ocidente do Bloco Soviético. Em certa medida, esta nova ordem era o oposto da globalização; encerrava o Ocidente no interior de um sistema económico altamente regulamentado. Baseado nas concepções de economistas notáveis, incluindo John Maynard Keynes<sup>2</sup>, o Plano Marshall era a manifestação de uma nova doutrina que realçava o papel primordial do Estado em termos da economia e da supremacia do país mais poderoso. Ao longo de toda a Guerra Fria o sucesso do Plano assentou na capacidade de Washington de controlar e manipular as forças económicas que criaram e sustentaram o novo mercado europeu, e vários outros depois deste, em benefício dos Estados Unidos da América e dos seus parceiros comerciais.<sup>3</sup>

Durante a Guerra Fria, a supremacia económica da América não foi alvo de qualquer contestação e a Europa Ocidental beneficiou enormemente com isso. O crescimento económico, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960, foi extraordinário. Mesmo durante o período negro do primeiro e segundo choques petrolíferos (1973-1974 e 1979-1980) a liderança dos EUA. manteve um domínio sólido sobre a economia e amorteceu o impacto da crise através do impulsionamento da reciclagem dos «petrodólares», um esquema que canalizou os excedentes dos países produtores de petróleo para o investimento ocidental.

Paradoxalmente, quando foi atingido o objectivo final da Guerra Fria — o levantar da Cortina de Ferro —, a ordem do período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial desintegrou-se e o Estado perdeu



o controlo do mercado. A política já não dominava a economia. Foi nesse momento que a economia deixou de estar ao serviço dos cidadãos e se transformou numa força selvagem, orientada exclusivamente para ganhar dinheiro fácil às custas dos consumidores.

Os acontecimentos que simbolizam o início e o fim da Guerra Fria, o Plano Marshall e a queda do Muro de Berlim, marcam os limites da complexa relação entre a política e a economia e irão explicar a transição para a economia marginal.

## O Muro do Sexo

A auto-estrada E-55, que se estende ao longo da fronteira entre a República Checa e a Alemanha, é conhecida como a Auto-estrada do Amor. Esta miserável extensão de asfalto alberga a maior concentração de prostitutas existente na Europa. Mulheres do antigo Bloco Soviético permanecem ao longo da berma da estrada, oferecendo os seus corpos a preços ínfimos: meia hora por 35 euros, 45 se for sem preservativo. Estes preços só são igualados pelos preços da indústria do sexo do Dubai. No entanto, a auto-estrada E-55 não é única. A antiga fronteira entre a Europa de leste e a Europa ocidental está a abarrotar com os aprestos deste negócio: um aglomerado de mercados de sexo, bordéis e espaços tapados por cortinas que substituem a Cortina de Ferro imaginária.

Ao longo de toda a década de 1990 a prostituição proliferou nas estradas que levavam às fronteiras com os países ocidentais. O simbolismo é chocante: «O facto de as fronteiras estarem abertas proporciona ao trabalho sexual um carácter internacional, sobretudo nas zonas fronteiriças ocidentais onde ocorrem os “encontros de nações”. Aqui, o trabalho sexual é exportado para os países da Europa ocidental.»<sup>4</sup>

Algumas das mulheres que trabalham ao longo das fronteiras não são prostitutas mas sim escravas sexuais. Foram compradas em mercados especializados, localizados na proximidade da antiga linha divisória entre o Leste e o Ocidente. O infame Mercado Arizona, situado no noroeste da Sérvia, é bem conhecido entre os proxenetes internacionais. Assemelha-se a uma cidade da corrida ao ouro americana do século XIX, daí o seu nome. Escondido por trás de uma extensão de estrada alcunhada de Auto-estrada Arizona, cujo percurso passa junto da fronteira com a Croácia, o Mercado Arizona foi alcu-nhado de Wal-Mart da Sérvia porque foi construído com o apoio das

tropas americanas no fim da guerra civil dos Balcãs. Os comerciantes vêm ao Mercado Arizona para comprar mulheres. «Ordenam às raparigas que dispam a roupa e elas ficam paradas na estrada, nuas [...] Os homens chegam, tocam-lhes no corpo, inspeccionam-lhes a pele e chegam mesmo a observar o interior das suas bocas antes de fazerem uma oferta.»<sup>5</sup>

O principal protagonista do negócio de prostituição que envolve mulheres eslavas é a máfia russa. Ironicamente, muitos proxenetas russos são originários da Chechénia. «Fui vendida por um grupo de mafiosos da Chechénia. Vieram a Odessa fazendo-se passar por homens de negócios abastados, que estavam ali de férias. Ofereceram-me trabalho como assistente de loja numa das suas *boutiques* de Moscovo; até me mostraram uma fotografia da loja. Tinha ouvido tantas histórias de mulheres ucranianas que tinham sido atraídas para a prostituição por criminosos russos, mas pensei, estas pessoas são da Chechénia...» revela Eva, uma antiga prostituta que foi libertada com a ajuda de um cliente. «Fui comprada e vendida várias vezes no Mercado Arizona, por muitos traficantes: russos, europeus e até árabes. Tornei-me uma mercadoria; sim, é isso que nós somos, produtos para a aldeia global.»<sup>6</sup>

A auto-estrada E-55 e o Mercado Arizona são os mais recentes centros de comércio da nova indústria global da prostituição, o empreendimento comum entre as duas mais velhas profissões do mundo: a prostituição e o comércio internacional. Há já mais de quinze anos que os seus produtos mais populares são as prostitutas e as escravas sexuais do antigo Bloco Soviético. O muro do «sexo à venda», que hoje em dia se estende ao longo da antiga linha divisória entre o Leste e o Ocidente, é um dos subprodutos da queda do Muro de Berlim. É também uma das primeiras manifestações do regresso da economia marginal, uma força selvagem desencadeada pela maior transformação económica do século XX: o desmembramento do comunismo e a ascensão da globalização.

Antes da queda do Muro de Berlim, a prostituição tinha-se tornado praticamente inexistente nos países comunistas. Embora a sua prática não fosse proibida, normalmente os governos marginalizavam a mais velha profissão do mundo. A procura era fraca. Os hábitos sexuais eram extremamente liberais e o acesso à contraceção e ao aborto era fácil, por isso os homens tinham menos necessidade de recorrer a prostitutas. A oferta também era fraca. O pleno emprego garantia que todos tinham um salário e essa situação reduzia substancialmente o número de mulheres dispostas a ganhar a vida através da venda do

corpo. As prostitutas comunistas serviam principalmente os estrangeiros, na sua grande maioria homens de negócios que se aventuravam para lá da linha divisória entre o Leste e o Ocidente. No início da década de 1980, por exemplo, em Budapeste os homens apenas conseguiam encontrar prostitutas em dois clubes nocturnos. Ambos eram interditos aos húngaros e aos visitantes provenientes do Bloco Soviético. Em Moscovo, mulheres «de má vida» desfilavam as suas mercadorias no exterior das entradas de hotéis frequentados por estrangeiros. Ao contrário das suas congéneres da Europa ocidental, as prostitutas comunistas geriam os seus próprios lucros; o proxenetismo era um crime grave.

A queda do comunismo fez disparar a prostituição porque mergulhou a população do antigo Bloco Soviético na pobreza, sobretudo as mulheres. Em meados da década de 1990, o desemprego entre as mulheres russas tinha chegado aos 80 por cento, aumentando de praticamente zero durante o regime soviético. As mulheres também constituíam mais de 80 por cento da população de famílias monoparentais e com um único rendimento.<sup>7</sup> Em 1998, mais de metade das crianças russas com idade inferior a seis anos vivia abaixo do limiar da pobreza, a maioria delas em agregados familiares monoparentais. Perante este pano de fundo, muitas mulheres recorreram à prostituição para alimentar os filhos. Para elas, a escolha era entre a indigência e dormir com o inimigo.

Existe também uma forte correlação entre o número de prostitutas eslavas e o desemprego feminino; até certo ponto, demonstram ter padrões geográficos idênticos. O desemprego nos antigos países comunistas estava distribuído de acordo com a estrutura industrializada e regional da economia planificada. Na Rússia, por exemplo, 83 por cento da mão-de-obra do sector têxtil eram compostos por mulheres. A indústria têxtil estava localizada em regiões específicas, como Ivanovo Oblast, a noroeste de Moscovo, em Cheboksary e na República da Chuváchia, na Rússia Central. Sob o regime soviético, estas zonas eram conhecidas como regiões de mulheres.<sup>8</sup> De 1990 a 1994, houve um declínio de 67 por cento na produção têxtil. Nestas regiões houve centenas de milhares de mulheres que acabaram no desemprego e se transformaram no alvo de proxenetas e traficantes de pessoas, que as usavam para os seus sujos negócios. Hoje em dia, infelizmente, estas zonas são conhecidas como «regiões de prostitutas.»

Já em 1991, o mercado ocidental foi inundado por um fornecimento abundante de mulheres eslavas. «Antes da queda do Muro de Berlim, eram sobretudo raparigas alemãs que trabalhavam como

prostitutas na Alemanha», relembra Stephen, um proxeneta alemão que também é conhecido como *der Prinz*, «o príncipe.» «Agora já não é assim. O mercado expandiu-se e tornou-se mais internacional. Muitas mulheres vêm da Polónia e da Rússia, mas todas falam alemão porque nós queremos que todas o façam. Hoje em dia os clientes não procuram apenas sexo, também querem uma rapariga que saiba conversar com eles e criar ambiente. Querem ir beber um copo, ter uma conversa, ver um espectáculo, não querem só “truca truca”.»<sup>9</sup> Stephen, um gordo proxeneta de 60 anos, começou a trabalhar na indústria do sexo alemã há 40 anos, com algumas raparigas que trabalhavam nas ruas. Actualmente, é considerado um dos principais empresários do sexo de Berlim, apesar de não divulgar o número de clubes de que é proprietário.

Na década de 1990, o número de mulheres com instrução superior, provenientes da Rússia e da Europa do Leste, tornou-se num fenómeno único na indústria da prostituição. Até à chegada das mulheres eslavas, os proxenetas tinham de procurar as suas presas entre grupos de pessoas sem sofisticação, constituídos predominantemente por raparigas asiáticas pobres. Depressa se tornou óbvio que as mulheres instruídas implicavam preços mais elevados e, conseqüentemente, proporcionavam maiores lucros. Tal como é ilustrado no filme de Hollywood, *Memórias de Uma Gueixa*, as prostitutas inteligentes, cultas e elegantes implicavam um prémio. Uma vez mais a peculiar estrutura económica do sistema soviético oferecia aos proxenetas a possibilidade de embolsar esse tipo de bónus, através da comercialização de mulheres eslavas com instrução superior. Na Rússia, para além dos têxteis, os «empregos de mulheres» estavam concentrados na medicina, no ensino, na ciência, no planeamento e na contabilidade, todas elas profissões afectadas de forma especialmente negativa pela crise económica da década de 1990.

A reserva de mulheres eslavas, consideradas únicas, aumentou a procura para além das expectativas. «No início da década de 1990, o negócio não se limitava a ser bom, era excelente», relembra Michael, um proxeneta alemão de 30 anos, que é proprietário de diversos bares de sexo em Berlim.<sup>10</sup> «Os homens não se fartavam dessas mulheres. Consideravam-nas exóticas. Podia fazer-se fortuna com a indústria do sexo. Eu conseguia ganhar algo como 3000 euros por dia e, passado algum tempo, tinha-me tornado extremamente rico.»<sup>11</sup>

O negócio da prostituição, como qualquer indústria, é regido pelas leis da economia e, particularmente, pela oferta e pela procura. Embora a derrota daquilo que Ronald Reagan apelidara de Império do Mal

tenha forçado milhões de mulheres eslavas a entrar para o mercado global do sexo, este acontecimento, por si só, provou ser insuficiente para criar um novo mercado. Os traficantes e os proxenetas preencheram esse vazio, construindo um mercado de carne europeu de leste em volta da nova mercadoria, para atrair clientes. «Em 1989 começou com proxenetas que tinham duas ou três raparigas num carro. Mais tarde compraram casas na auto-estrada E-55. [Em 1997] já havia raparigas... ao longo de toda a berma da estrada, numa fila enorme», relembra Jaromir Jirasek, um médico de Dubi, uma cidade checa não muito distante de Dresden.<sup>12</sup> À medida que a crise económica do antigo Bloco Soviético aumentava, os traficantes de sexo podiam contar com um fornecimento inesgotável de mulheres eslavas novas e saudáveis. «Quando uma [prostituta] ficava doente, eles limitavam-se a substituí-la. Era tão simples como isso»,<sup>13</sup> explica o Doutor Jirasek. Actualmente, Dubi, que se situa ao longo da auto-estrada E-55, conta com centenas de bordéis e casas de *striptease*.<sup>14</sup>

## Natashas

Israel é um dos maiores importadores de prostitutas eslavas. Actualmente, várias fontes calculam que, em cada mês, há um milhão de israelitas que recorre a uma prostituta.<sup>15</sup> De acordo com a Comissão de Inquérito Parlamentar israelita, «Aproximadamente 3000 a 5000 mulheres [do antigo Bloco Soviético] são trazidas clandestinamente para Israel todos os anos e vendidas à indústria da prostituição. [...] As mulheres trabalham sete dias por semana, até 18 horas todos os dias e, dos 120 novos shekel (27 dólares americanos) pagos pelos clientes, ficam apenas com 20 novos shekel (4,50 dólares americanos). Actualmente, há dez mil destas mulheres a viver em cerca de 300 a 400 bordéis espalhados por todo o país. São vendidas por aproximadamente 8000 a 10 000 dólares cada uma.»<sup>16</sup> A magnitude do negócio, mesmo no início do comércio de mulheres eslavas, é claramente ilustrada pelos grandes lucros da prostituição que têm sido branqueados em Israel; de 1990 a 1995, por exemplo, cerca de 4 mil milhões de dólares americanos foram investidos em bancos israelitas. Outros 600 milhões de dólares foram branqueados no sector imobiliário.<sup>17</sup>

Na base do aumento da prostituição em Israel estão factores culturais e religiosos. Os homens israelitas, tal como a maioria dos homens, têm um fraco por mulheres eslavas altas e loiras, a quem chamam indiscriminadamente «Natasha.» Os homens «entravam na sala

e, com um sorriso estúpido na cara, gritavam «Natasha!» como se nós fôssemos uma espécie de bonecas russas», lembra Marika, uma mulher russa que foi traficada para Israel.<sup>18</sup> A procura é particularmente elevada entre os Haredim, os judeus ortodoxos mais conservadores, muitos dos quais são clientes regulares dos bordéis. «Quando uma pessoa vai à zona da Bolsa de Valores ou da Bolsa de Diamantes, vê muita prostituição e um grande número de homens extremamente religiosos, porque estes homens precisam de sexo, mas as mulheres da sua sociedade não podem satisfazê-los sempre que eles o querem. Também não se podem masturbar porque não podem desperdiçar o esperma. Por isso têm de o fazer com uma mulher», explica Nissan Ben-Ami, co-director do Awareness Center, uma organização não-governamental especializada no tráfico de mulheres e na prostituição em Israel.<sup>19</sup>

Várias fontes israelitas confirmam que o influxo de judeus ortodoxos russos, mais uma vez um fenómeno relacionado com o desmembramento da União Soviética, contribuiu para aumentar inesperadamente a indústria de prostituição local. «Muitos tinham ligações à máfia russa, que no início da década de 1990 controlava quase todo o negócio das prostitutas eslavas. A máfia ajudava a fazer negócio com os proxenetas locais», admite um polícia de Tel Aviv. Michael, o proxeneta alemão, confirma que, assim que o Muro de Berlim caiu, a máfia russa assumiu o controlo do comércio da nova mercadoria. «Nos anos noventa, eram os russos que traziam as novas raparigas para Berlim.»

Organizações armadas e criminosas estão também envolvidas neste negócio de vários milhares de milhões de dólares. Na Alemanha, onde a prostituição foi legalizada, há muitas formas de ganhar uma percentagem com o negócio do sexo. «Hamburgo e Berlim são controladas pela máfia libanesa», explica Michael. «Não há nada que se possa fazer contra isso. Temos de pagar para ter a protecção deles. Esses árabes aparecem nos nossos bares e exigem o dinheiro. Se lhes dizemos “não”, acenam com o telemóvel em frente das nossas caras e dizem-nos que um bando de tipos armados com pistolas-metralhadoras Uzi virá visitar-nos dentro de meia hora. Por isso, o que é que fazemos? Pagamos-lhes; é tudo o que posso dizer. Em Colónia, a questão é diferente, é o PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão) que controla o negócio. Uma vez mais, não estão directamente envolvidos na prostituição, mas os bordéis e os bares de sexo têm de pagar para obter a sua protecção.»

A interdependência entre a indústria da prostituição e os grupos armados é também visível em Israel, um país que está no centro da

guerra contra o terrorismo. As prostitutas e escravas sexuais eslavas chegam a Israel através da Faixa de Gaza, frequentemente com a colaboração de gangues criminosos egípcios e palestinos. Ildiko, uma estudante de 22 anos da Hungria, foi levada ilegalmente através dos Balcãs para o Egito. «Aterrei em Alexandria e fui abordada por um russo que me levou para o deserto e me entregou a um beduíno. Estavam lá mais seis raparigas, todas elas da Rússia. Caminhámos pelo deserto durante dias, até que chegámos à fronteira.»<sup>20</sup> Ildiko entrou em Israel atravessando um pequeno trilho que separa a cidade de Rafah da fronteira israelo-egípcia. A Faixa de Gaza situa-se a norte de Rafah. «Rafah está a apenas algumas dezenas de metros da fronteira com o Egito. As casas da cidade situadas mais a sul funcionam como portas de entrada para um labirinto de túneis escavados pelos palestinos e beduínos do Sinai. Trata-se de passagens para terroristas, traficantes de estupefacientes e traficantes de pessoas, que fazem entrar ilegalmente mulheres para serem vendidas como prostitutas em Israel e na Cisjordânia.»<sup>21</sup> Em privado, especialistas em terrorismo de várias organizações israelitas revelam a sua preocupação relativamente ao envolvimento, no comércio sexual, de organizações criminosas que têm ligações com grupos terroristas. É inegável que, para satisfazer o desejo insaciável dos seus cidadãos por mulheres eslavas, Israel está a dormir com o inimigo árabe.

Se não tivessem ocorrido mudanças importantes a nível da moral, o extraordinário aumento da oferta global de prostitutas e escravas sexuais eslavas nunca poderia ter sido acompanhado por uma procura internacional igualmente extraordinária. Hoje, a sociedade moderna globalizada tolera tacitamente a prostituição. «A prostituição [...] recebeu o novo rótulo de uma extensão da indústria do entretenimento. E estudos sugerem que um em cada dez homens britânicos — 2,3 milhões — já se entreteve», noticiou o jornal *Sunday Times*.<sup>22</sup> Ninguém quer perder a diversão, todos querem participar no novo jogo que chegou à cidade. «Uma vez, houve um convidado que entrou e pediu que várias raparigas fizessem um espectáculo para ele. Sentou-se ali e ficou a assistir ao espectáculo, sem sequer tocar nas raparigas nem nada. Limitou-se a ficar ali sentado», lembra Stephen, o proxeneta de Berlim. «É o mais extraordinário de tudo é que... ele era cego.»

O filósofo Roger Scruton salienta que «quando o sexo se transforma numa mercadoria, o mais importante santuário dos ideais humanos transforma-se num mercado. Foi isso que aconteceu ao longo das últimas décadas e essa é a raiz da cultura pós-moderna.»<sup>23</sup> No Oci-

dente, as mudanças a nível dos princípios morais conduziram à aceitação daquilo que pode ser definido como prostituição da classe média. O comércio de sexo através de agências de acompanhantes e através de anúncios pessoais colocados na Internet constitui o veículo mais comum para a comercialização do novo produto entre a classe média. «Se se escrever “acompanhante feminina” no Google do Reino Unido obtêm-se mais de 760 000 resultados.»<sup>24</sup> A maior parte dos sítios pertence a pequenas ou médias empresas que foram criadas na década de 1990.

Se o *marketing* do «sexo à venda» aumentou enormemente a procura, o romantizar da prostituição facilitou a atracção de mulheres eslavas para a indústria do sexo. Êxitos de bilheteira de Hollywood, como *Negócio Arriscado* e *Um Sonho de Mulher*, projectam uma imagem totalmente fictícia da prostituição. Segundo diversas organizações não-governamentais que trabalham com mulheres eslavas que foram ludibriadas a entrar para a prostituição por traficantes de sexo, muitas mulheres acreditam ingenuamente que, ao tornarem-se prostitutas, irão conhecer o Príncipe Encantado, como aconteceu com Julia Roberts em *Um Sonho de Mulher*.<sup>25</sup>

Histórias sobre prostituição do tipo «e viveram felizes para sempre» apenas acontecem nos guiões de Hollywood, mas vendem livros e filmes porque fazem com que a classe média se sinta confortável com a aceitação do «sexo à venda». Muitos editores e cineastas continuam ansiosos por alimentar o apetite suburbano por contos de fadas «divertidos» sobre a prostituição, essencialmente ganhando dinheiro com a miséria e o desespero das mulheres.

## Os Ilusionistas da Economia Marginal

Tal como o Sonho Americano, a cultura do «sexo à venda» baseia-se numa teia de ilusões. Existe uma miragem que é inteligentemente criada onde quer que exista uma elevada procura de prostituição, tal como é demonstrado pelo apetite insaciável dos homens alemães por mulheres eslavas, que é indispensável, como no caso dos judeus ortodoxos israelitas, e que, em última análise, é aceitável e agradável. Na realidade, hoje em dia, como sempre, a procura de prostitutas continua a ser elevada porque muitos homens são incapazes de obter sexo sem o comprar; as prostitutas transformam-se em paliativos, substituindo mulheres reais que estivessem dispostas a entregar-se por amor. Acima de tudo, a prostituição representa um negócio de muitos milha-



res de milhões de dólares que se baseia no abuso sem escrúpulos de mulheres (em 2006, o valor anual estimado da prostituição global ascendia a 52 mil milhões de dólares).<sup>26</sup> Esta exploração é uma consequência da natureza ilegal do negócio. Em países como a Holanda, em que a prostituição foi legalizada há várias décadas, o grau de exploração é mais baixo: existem menos proxenetas e as prostitutas pagam impostos, têm direito a tratamento médico e aos benefícios da segurança social, e têm protecção da polícia.

Em certos aspectos, que fazem lembrar o marketing da cultura Americana através do Plano Marshall, os comerciantes da indústria global da prostituição actuam como grandes ilusionistas que não só vendem produtos como também um novo estilo de vida. Os proxenetas da globalização mudaram a moral da classe média; as prostitutas e escravas sexuais eslavas transformaram-se nos acessórios de uma nova cultura permissiva, uma cultura em que o sexo pode ser comprado e vendido livremente por adultos responsáveis pertencentes à classe média, e mesmo por crianças. No sítio PornoTube, por exemplo, adolescentes despem-se em frente dos telemóveis dos seus amigos. Um vídeo de dois adolescentes a fazer sexo na casa de banho da escola foi posto à venda por um colega estudante no Baazee.com, um sítio Web indiano de que o eBay é proprietário. Mas será que a sociedade tem realmente a ganhar ao aderir à cultura do «sexo à venda»? Será que esta ilusão é benéfica para aqueles que povoam o mercado do sexo, como o Sonho Americano o era para os europeus e americanos? A comercialização do Sonho ajudou o Velho Continente a erguer-se das cinzas da guerra e acelerou o crescimento da economia dos Estados Unidos, sendo vantajosa tanto para os vendedores como para os compradores. Em acentuado contraste, a ascensão da indústria global do sexo funciona contra os fornecedores e consumidores de amor.

Pondo de lado a moral e a economia, analisemos agora as doenças sexualmente transmissíveis e as taxas de fertilidade. Em 1994, na Rússia, a incidência de sífilis era de 81,7 por cada 100 000 habitantes; em 1995 já tinha chegado aos 172 e, em 1998, tinha aumentado para 221,9.<sup>27</sup> Em 2002, a taxa de sífilis na Rússia estava entre as dez mais altas a nível mundial, colocando o país ao mesmo nível das nações da África Subsariana flageladas pela SIDA. Esta tendência demonstra padrões de saúde que retrocederam para os níveis do século XIX, quando a Rússia sofria de uma incidência igualmente elevada de doenças sexualmente transmissíveis. De modo a perceber a magnitude da epidemia actual há que ter em conta que, em 1997, um em cada 75 estónios tinha sífilis, em comparação com os Estados Unidos

onde havia 2,5 casos por cada 100 000 pessoas.<sup>28</sup> A Rússia também padece de uma das taxas de propagação do HIV com crescimento mais rápido. Na realidade a epidemia está apenas no início, tendo a maioria dos indivíduos sido infectados entre 1999 e 2005,<sup>29</sup> e é provável que se dissemine a nível mundial. A Organização Mundial da Saúde teme que as mulheres eslavas estejam a infectar clientes no mundo inteiro.

As doenças sexualmente transmissíveis afectam as taxas de fertilidade de forma extremamente negativa e a Rússia está entre os países com as mais baixas taxas de fertilidade do mundo.<sup>30</sup> Embora não exista uma sólida correlação estatística entre a queda das taxas de fertilidade, o declínio dramático da taxa de natalidade russa e o aumento da indústria global da prostituição, as mudanças radicais a nível da moral provocadas pela cultura do «sexo à venda» afectaram inquestionavelmente as atitudes das mulheres russas perante a vida. «Um inquérito realizado em 1997 a estudantes [russas], na faixa etária dos 15 anos, constatou que 70 por cento afirmavam querer tornar-se prostitutas, enquanto dez anos antes queriam tornar-se astronautas, médicas e professoras.»<sup>31</sup> Cada vez mais, as mulheres russas não querem constituir família e ter filhos. Têm de encontrar formas de sobreviver e a prostituição parece ser uma boa opção. «O colapso do comunismo no início da década de 1990 apenas serviu para tornar a população mais egoísta e conduzir a uma crise moral profunda, que se mantém até hoje», escreve Viktor Erofeiev, um autor russo.<sup>32</sup>

Os únicos que ganham com a cultura do «sexo à venda» são os traficantes, os proxenetas da globalização, hábeis ilusionistas da economia marginal. Gangues criminosos cruéis e políticos corruptos da Rússia e dos Balcãs embolsaram milhares de milhões de dólares e estabeleceram-se na economia global através do tráfico de mulheres. Desde o início de 1998 até meados de 1999, por exemplo, Semion Mogilevich, um patrão do crime nascido na Ucrânia e envolvido na prostituição, no tráfico de estupefacientes e em esquemas de investimento fraudulentos, branqueou 10 mil milhões de dólares através do Bank of New York.<sup>33</sup>

A relação entre a queda do Muro de Berlim e a grande expansão da indústria da prostituição no Ocidente sublinha os perigos de subvalorizar as consequências de grandes transformações económicas. A transição do antigo Bloco Soviético para o capitalismo global assistiu ao desmantelamento de um sistema político sem que existisse um plano claro para a sua substituição. Consequentemente, nações inteiras

mergulharam na pobreza e na anarquia política profundas e, dentro do vazio que se criou, os predadores económicos e os proxenetes da globalização proliferaram.

Tal como é descrito no próximo subcapítulo, a Rússia «democrática» emergiu através da economia marginal no papel do monstro Dr. Frankenstein. O processo de democratização promovido pelo Ocidente criou forças económicas não democráticas que guiaram a transição do país, do comunismo para o capitalismo global. Este fenómeno é bem ilustrado pelas ligações chocantes existentes entre os concursos de beleza, os concertos de música pop e a monetarização da economia russa.

### Rainhas da Beleza e Rublos Conversíveis

Na Rússia a privatização foi a tradução económica da Perestroika de Mikhail Gorbachev. Considerada como o bilhete de entrada do antigo Bloco Soviético para um capitalismo global emergente, a privatização também se tornou no preço a pagar para se ser membro do clube da democracia. Incentivada por conselheiros ocidentais, como Jeffrey Sachs, pelo FMI e pelo Banco Mundial, e apoiada por políticos ocidentais, a Perestroika depressa se tornou sinónimo de uma rápida mudança económica. As reformas económicas sobrepuseram-se à transformação política. Actualmente, muitos economistas concordam em que a ausência de regulamentações *ad hoc*, implementada por uma classe política sólida, desencadeou o surgimento de diversas forças económicas marginais. «Basicamente, liberalizaram a economia sem criarem as instituições que deviam controlar e guiar a transição para uma economia de mercado», observa Miklos Marshall, director regional da organização não-governamental Transparência Internacional (TI) para a Europa e Ásia Central.

Seguindo os passos da Primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, Mikhail Gorbachev lançou um ambicioso programa de privatização em 1987 e 1988. O principal obstáculo era a natureza não monetária da economia soviética. Oficialmente, existiam duas moedas: os rublos e os *beznalichnye*. Os rublos apenas circulavam no interior da URSS e eram utilizados pela população. As transacções comerciais internas e do COMECON (Conselho de Assistência Económica Mútua), ou seja, as que eram realizadas entre membros do Bloco Soviético, eram realizadas em *beznalichnye*, que eram uma mera unidade contabilística, nada mais que papel-moeda. Os *beznalichnye*, que

consistiam simplesmente numa autorização estatal de compra e venda, existiam em grande quantidade. A economia soviética, planeada a nível central, funcionava à margem das regras do mercado. O Estado fixava os preços dos bens porque era o Estado que detinha todos os meios de produção, que incluíam fábricas, minas e afins, bem como todos os produtos. O Estado continuava a ser o único empregador e, por sua vez, os trabalhadores, ou seja, o povo russo, eram detentores do Estado. Ninguém precisava de dinheiro real num sistema deste tipo porque o Estado realizava tanto as funções de compra como as de venda.

No entanto, o dinheiro sob a forma de rublos tinha um valor monetário real, principalmente porque os rublos eram trocados e utilizados no mercado negro para comprar e vender moedas fortes e para adquirir quaisquer tipos de produtos ou serviços que não fosse possível encontrar no mercado oficial. As economias comunistas sofriam constantemente de escassez de produtos porque o planeamento era incapaz de imitar o mercado ou, sequer, de o avaliar. Oficialmente, os governos comunistas consideravam que o mercado negro era ilegal, mas os líderes faziam vista grossa porque este desempenhava tarefas valiosas (e, muitas vezes, enchia os seus bolsos). Consequentemente, o mercado negro e a economia informal funcionavam de acordo com as leis do mercado, mas ambos estavam infestados de criminosos de pequena monta, oficiais corruptos e membros do Partido.

Os *beznalichnye* não podiam ser convertidos em rublos porque o Banco Central não efectuava o câmbio respectivo. No entanto, podiam ser trocados no mercado negro. Compreensivelmente, o seu valor era muito inferior ao dos rublos, sendo a taxa de câmbio oficial equivalente a um rublo para dez *beznalichnye*.

Já em 1987 se tinha tornado óbvio que as empresas recentemente privatizadas que queriam negociar no estrangeiro necessitavam de rublos e não podiam dar-se ao luxo de utilizar o mercado negro para obter um fornecimento constante de liquidez. O dinheiro também era necessário para criar planos de autofinanciamento eficazes, que constituíam a tábua de salvação das pequenas empresas privadas. Embora o governo pudesse atribuir muitos *beznalichnye* a estas empresas, não existia um local onde se pudesse proceder ao seu câmbio. O mercado negro era demasiado caro, o Banco Central tinha muito pouca liquidez e o Tesouro russo, que era inexistente, não podia emitir títulos de dívida pública para angariar fundos para conversão.

Perante este cenário, em finais de 1987 Gorbachev permitiu que as empresas filiadas no Komsomol, a Juventude Comunista, conver-

tessem os *beznalichnye* em rublos. Na realidade, transformou estas empresas no Tesouro russo, na esperança de que estas encontrassem formas de proceder à conversão sem a supervisão do Estado. As actividades de carácter científico, que incluíam a organização de concursos de beleza e de concertos de música pop, qualificavam-se para a conversão. Estes concertos e concursos depressa se tornaram parte dos inteligentes planos criados por jovens russos decididos a acumular grandes fortunas; entre estes jovens, contava-se Mikhail Khodorkovsky, então presidente do clube de jovens do Komsomol da Universidade de Moscovo.

Em 1987 Khodorkovsky transformou a sua organização de juventude no Centro de Criatividade Técnica e Científica para a Juventude. A organização de concursos de beleza e de concertos de *rock* tornou-se no principal negócio do centro. O esquema era simples. Khodorkovsky aceitava pagamentos em *beznalichnye* de pessoas dispostas a participar nos concursos de beleza e nos concertos de música pop. Em seguida, convertia os *beznalichnye* em rublos ou em moedas fortes, procedendo ao câmbio dos mesmos através de empresas de exportação (sobretudo empresas madeireiras) que dispunham de uma grande quantidade de divisas estrangeiras. As moedas fortes eram utilizadas para importar computadores dos países ocidentais, que eram depois vendidos na Rússia em *beznalichnye*, permitindo assim que Khodorkovsky obtivesse um lucro seis vezes superior por cada rublo.<sup>34</sup> Os *beznalichnye* eram depois convertidos em rublos ou em moedas fortes usando os mesmos esquemas. Por cada transacção, Khodorkovsky embolsava uma parte dos lucros. Realizava simultaneamente centenas de transacções desse tipo. «Inventei diversos métodos de financiamento que eram utilizados comumente e que, nos dias melhores, me permitiam que celebrasse até 500 contratos de investigação científica em simultâneo. Havia cinco mil pessoas a trabalhar nessas operações.»<sup>35</sup> Se a conversão tivesse sido realizada pelo Tesouro ou pelo Banco Central, os lucros de Khodorkovsky teriam aumentado os lucros do governo. Em vez disso, prepararam o terreno para a fortuna de Khodorkovsky.

Os concursos de beleza proporcionaram à máfia russa uma excelente oportunidade para estabelecer um sólido negócio de prostituição. «Nessa altura na Rússia todas as pessoas sabiam quais eram as intenções da máfia. Os concursos de beleza constituíam o terreno ideal para recrutar prostitutas e escravas sexuais» admite um antigo banqueiro que trabalhou para o Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento (BERD) durante os anos da transição. «As raparigas eram

enganadas com as perspectivas de uma óptima carreira no grande ecrã e depois acabavam em bordéis em Israel, no Dubai ou na Europa ocidental. As pessoas como Khodorkovsky limitavam-se simplesmente a entregar a mercadoria à máfia, de mão beijada. Khodorkovsky sabia que os seus concursos de beleza nada mais eram que meros mercados de carne, onde os proxenetas e os traficantes de pessoas podiam escolher as suas vítimas. Também sabia que aquilo que estava a fazer era legal e que o estava a tornar muito, muito rico. Preocupava-se com as raparigas? É claro que não. Esses concursos eram iscos de dinheiro e ele precisava de grandes quantias para o seu esquema seguinte.»<sup>36</sup> Khodorkovsky não estava directamente envolvido no negócio da prostituição. Embora proporcionasse oportunidades para a máfia, tinha negócios muito mais importantes a que se dedicar: os vastos recursos energéticos da Rússia.

A principal questão continuava a ser se o FMI e o Banco Mundial, que supervisionavam a privatização dos activos russos, faziam a mais pequena ideia de que a Perestroika tinha transformado o Tesouro russo num bando de indivíduos sem escrúpulos e aspirantes a oligarcas, permitindo que a máfia lucrasse com novos negócios marginais, como a prostituição. Se não o sabiam, então eram extremamente incompetentes para dirigir a transição de uma economia comunista para o capitalismo globalizado. «Também não havia mais ninguém que fosse qualificado... era território virgem... Além disso, nessa altura, o principal objectivo do Ocidente era privatizar o mais rapidamente possível, de modo a tornar irreversível a transição», admite Bart Stevens, antigo Director de Comunicação do BERD.<sup>37</sup>

A privatização sofreu uma grande reviravolta em 1992, quando o Presidente Boris Yeltsin anunciou que a Rússia estava prestes a tornar-se uma sociedade accionista. A riqueza da nação ia ser dividida, como um bolo, em três partes: uma parte para o Estado, que manteria uma participação maioritária nas empresas recentemente privatizadas; uma para investidores estrangeiros; e o resto para o povo. No dia 1 de Outubro de 1992, o Estado doou a cada cidadão vales equivalentes a 10 000 rublos (aproximadamente 60 dólares, o salário médio mensal). Os vales podiam ser trocados por acções das antigas empresas estatais. Além disso, podiam também ser poupados, comprados ou vendidos. Contudo, muito poucos russos sabiam o que fazer com eles.

De 1992 a 1994 a Rússia sofreu uma profunda crise económica. A taxa de câmbio do rublo para o dólar caiu de 230 para 3 500. A desvalorização, aliada à inflação de dois dígitos, destruiu as poupanças das pessoas. Mais de um terço da população passou a viver abaixo do

limiar da pobreza.<sup>38</sup> Como seria de esperar, as estatísticas das Nações Unidas mostram que 1992 marcou o primeiro pico em termos da oferta de mulheres e escravas sexuais eslavas na Europa Ocidental.

As pessoas estavam desesperadas e, para alimentar as suas famílias, decidiram vender tudo o que tinham, incluindo os vales. Khodorkovsky e os outros oligarcas adquiriram 90 por cento dos vales através da instalação de postos onde as pessoas os podiam trocar por uma fracção do seu valor. De acordo com uma sondagem encomendada pelo jornal russo *Isvestiya*, em finais da década de 1990 apenas 8 por cento dos russos tinham trocado os vales por acções das empresas para as quais trabalhavam. Os oligarcas utilizaram os vales para se tornarem accionistas minoritários nas empresas russas recentemente privatizadas.

Em 1995 os russos já se tinham apercebido de que o capitalismo os tinha tornado mais pobres e não mais ricos. Estatísticas económicas oficiais russas indicavam que o PIB tinha diminuído em aproximadamente 50 por cento. O Estado estava falido e os salários e pensões não eram pagos. À medida que as pessoas começaram a sentir nostalgia do velho regime comunista, Yeltsin era confrontado com perspectivas de derrota nas eleições de 1996. Para garantir a vitória, o presidente russo estabeleceu um acordo com os oligarcas. O Estado concordou em leiloar as suas participações maioritárias nas empresas estatais privatizadas em troca de empréstimos para pagar os salários e as pensões. Foi assim que surgiu o esquema dos empréstimos em troca de acções e que Yeltsin garantiu a reeleição através do pagamento de subornos. «Eis um governo corrupto, a precisar desesperadamente de dinheiro, e os chamados “bancos” detidos pelos oligarcas a fazer negócio. O governo precisava de dinheiro para pagar as pensões, etc., por isso utilizou as acções que detinha nas empresas controladas pelo Estado como garantia para que os bancos dos oligarcas lhe concedessem empréstimos. Como seria de esperar, o governo não teve capacidade para pagar os empréstimos e, automaticamente, as acções reverteram a favor dos bancos dos oligarcas. Uma vez mais, tudo era perfeitamente legal.»<sup>39</sup>

Depois da reeleição de Yeltsin os oligarcas receberam as suas recompensas pelo apoio que lhe tinham dado. Khodorkovsky, por exemplo, tornou-se o único proponente da Yukos, a terceira maior empresa petrolífera da Rússia, que comprou por cerca de 300 milhões de dólares, uma fracção do seu valor. A magnitude do negócio apenas se tornou óbvia em 2003, quando procuradores públicos russos congelaram 44 por cento dos activos da Yukos, que equivaliam a 10 mil milhões de dólares.